

# FREUD E NIETZSCHE: ontogênese e filogênese

## *FREUD AND NIETZSCHE: ontogenetics and phylogenetics*

**Resumo** Estabelecer conexões entre os nomes de Freud e Nietzsche é apontar, para além de influências e débitos intelectuais, aspectos que permitam demonstrar um certo campo de problemas comuns. Contemporâneos da emergência dos estudos filológicos, ambos determinaram os desdobramentos das técnicas de interpretação no século XX. Não consta que tenham se encontrado, mas Freud fez referência às idéias de Nietzsche em dois momentos de sua obra: no parágrafo acrescentado em 1919 no final do item B do capítulo VII da *Interpretação dos Sonhos* e numa nota de rodapé no escrito de 1923, *O Ego e o Id*. O objetivo deste artigo é apresentar o complexo de Édipo como o paradigma de leitura da analogia estabelecida por Freud entre a filogênese e as vicissitudes da pulsão no plano ontogenético. Deste modo, demarcamos a gênese da consciência moral e do sentimento de culpa em Freud e estabelecemos uma interlocução com o aforismo 16 da Segunda Dissertação da *Genealogia da Moral* de Nietzsche.

**Palavras-chave** FILOGÊNESE – ONTOGÊNESE – SENTIMENTO DE CULPA – CONSCIÊNCIA MORAL.

**Abstract** To establish connections between the names of Freud and Nietzsche is to point out, beyond influences and intellectual debts, aspects that allow us to demonstrate a certain field of common problems. Contemporaries of the emergence of philological studies, both men determined the development of the interpretative techniques in the twentieth century. Nothing tells us that they met each other, however, Freud made reference to Nietzsche's ideas in two moments of his work: in the paragraph added in 1919 to the end of item B of chapter VII of *The Interpretation of Dreams*; and in a footnote to *The Ego and the Id* in 1923. The objective of this article is to present the Oedipal Complex as the paradigm for reading the analogy established by Freud between the phylogenetic and the vicissitudes of the instincts in the ontogenetic plane. In this way, we mark the genesis of the moral conscience and of the guilt feelings in Freud and we establish a dialogue with the 16th aphorism of the Second Dissertation of Nietzsche's *Genealogy of the Moral*.

**Keywords** FILOGENETIC – ONTOGENETIC – BLAME FEELING – MORAL CONSCIENCE.

**MÁRCIO APARECIDO MARIGUELA**  
Analista praticante, membro da Escola de Psicanálise de Campinas. Professor da Faculdade de Filosofia, História e Letras da UNIMEP e doutorando em Filosofia pela Unicamp  
[m.mariguella@terra.com.br](mailto:m.mariguella@terra.com.br)



*Ah, a razão, a seriedade, o domínio sobre os afetos, toda essa coisa sombria que se chama reflexão, todos esses privilégios e adereços do homem: como foi alto o seu preço! Quanto sangue e quanto horror há no fundo de todas as “coisas boas”.*

FRIEDRICH NIETZSCHE



É tempo de rememorar: o centenário de nascimento da *Interpretação dos Sonhos*, de Sigmund Freud, e o centenário da morte de Friedrich Nietzsche. Contemporâneos da emergência dos estudos filológicos, ambos determinaram os desdobramentos das técnicas de interpretação no século XX. Para além de apontar influências, débitos intelectuais ou coisas do gênero, relacionar os nomes Freud e Nietzsche implica constatar, primeiramente, que ambos partilham de um cenário histórico comum. Não consta que eles tenham se encontrado. No entanto, Freud<sup>1</sup> faz referência às idéias de Nietzsche em dois momentos de sua obra: no parágrafo acrescentado em 1919 no final do item B (Regressão) do capítulo VII (A psicologia dos processos oníricos) da *Die Traumdeutung*, e numa nota de rodapé no escrito de 1923, *O Ego e o Id*. Certamente Freud leu Nietzsche e apropriou-se de dois argumentos fundamentais: o primeiro diz respeito à filogênese e o segundo, à ontogênese.

Ao longo do século XX, diferentes autores tematizaram a relação Freud-Nietzsche. Michel Foucault, por exemplo, na conferência de 1964, alinhoun Nietzsche, Freud e Marx para analisar as rupturas que cada um, a seu modo, realizou na hermenêutica moderna:

No primeiro volume do *Capital*, textos como o *Nascimento da Tragédia* e *A Genealogia da Moral*, a *Traumdeutung*, situam-nos de novo ante técnicas interpretativas. E o efeito do seu impacto, o gênero de ferida que estas obras produziram no pensamento ocidental, deve-se provavelmente ao fato de terem significado para nós o que o mesmo Marx qualificou de “hieroglíficos”. O que nos coloca numa posição incômoda, já que estas técnicas de interpretação nos dizem respeito, e que nós, como intérpretes, teremos que nos interpretar a partir destas técnicas.<sup>2</sup>

O objetivo desse artigo<sup>3</sup> é apresentar o complexo de Édipo como o paradigma de leitura da analogia estabelecida por Freud entre o processo civi-



<sup>1</sup> Paul-Laurent Assoun comenta a estranha contemporaneidade entre Freud e Nietzsche citando a ata da Sessão de 1.º de abril de 1908 da Sociedade Psicanalítica de Viena, quando Freud afirmou que não conhecia a obra de Nietzsche, que nunca conseguiu estudá-lo, que não ia além de meia página nas tentativas de lê-lo. Cita também duas outras ocasiões em que Freud disse ter recusado o grande prazer proporcionado pela leitura de Nietzsche e ter evitado, por muito tempo, o contato com sua escrita. ASSOUN, 1989, p. 15.

<sup>2</sup> FOUCAULT, 1987, p. 17.

<sup>3</sup> A primeira versão do artigo foi apresentada nas Jornadas Internas de 1996 da Escola de Psicanálise de Campinas, cujo tema foi “Lacan no Simbólico”.

lizatório da filogênese e as vicissitudes da pulsão no plano ontogenético. Partiremos de algumas referências biográficas da relação de Freud com a especulação filosófica no período de escrituração do livro *Totem e Tabu*, de 1913, e a extensão deste no capítulo VII de *O Mal-estar na Civilização*, de 1930. Deste modo, iremos marcar a gênese da consciência moral e do sentimento de culpa em Freud e estabeleceremos uma interlocução com o aforismo 16 da Segunda Dissertação da *Genealogia da Moral* de Nietzsche.

## CONTEXTO TEMÁTICO

Assoun informa que, em 1873, quando Freud ingressou no curso de medicina da Universidade de Viena, seguiu os seminários de filosofia ministrados por Franz Brentano. No mesmo ano, as aulas de iniciação à reflexão filosófica e à história da filosofia foram excluídas do currículo da Faculdade. Os alunos não eram mais obrigados a cursar esta disciplina. Mesmo sem a obrigatoriedade, instituída em 1804, Freud frequentou as aulas como atividade extracurricular, levando mais tempo para concluir seu curso regular. A Universidade de Viena de então era o centro de excelência da investigação científica, e havia pouco espaço para a especulação filosófica. Os jovens universitários, formados dentro do mais rigoroso estilo positivista de ciência – e Freud era um deles –, encontravam nas aulas de filosofia espaço para aventuras no terreno filosófico.

Outro aspecto ilustrativo da especulação filosófica do jovem Freud pode ser identificado na correspondência com sua noiva Martha. Numa carta de 16/08/1882, escreveu: “a filosofia, que sempre imaginei como objetivo e refúgio para minha velhice, cada vez mais me fascina todos os dias”.<sup>4</sup> Nesse mesmo período redigiu um “ABC filosófico”, com a intenção de iniciar sua amada no campo desse saber. Ernest Jones<sup>5</sup> relata uma confidência feita por Freud no início de 1910, período de maior repercussão dos *Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade*: seu maior desejo era afastar-se da prática científica e dedicar-se aos problemas filosóficos.

O campo do discurso filosófico é frequentado por Freud de maneira decisiva para a constituição da psicanálise. Por volta de 1912, realizou uma passagem que foi designada pelos críticos<sup>6</sup> como o voo de Ícaro: da escuta clínica, lugar de teorizações sobre a ontogênese, para a civilização, lugar da especulação filosófica sobre a filogênese.

Em 1914, no prefácio à terceira edição dos *Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade* escreveu o seguinte: “A ontogênese pode ser vista como uma repetição da filogênese na medida em que esta não seja modificada por uma vivência mais recente. A predisposição filogenética faz-se notar por trás do processo ontogenético. No fundo, porém, a predisposição é justamente o precipitado de uma vivência prévia da espécie, à qual se vem agregar a experiência mais nova do indivíduo como soma dos fatores acidentais”.<sup>7</sup> Para Freud, o indivíduo repete em seus sintomas o processo civilizatório. Por uma analogia entre o itinerário da libido e do processo civilizatório, chega-se ao núcleo central da constituição psíquica: o complexo de Édipo.

O complexo de Édipo é o núcleo constitucional da subjetividade. Foi neste núcleo que Freud estabeleceu o elo para sua analogia entre o desenvolvimento da libido individual e o desenvolvimento civilizatório, realizando uma extensão da psicologia individual à psicologia das massas. No prefácio da primeira edição de *Totem e Tabu*, afirmou que suas argumentações “representam uma primeira tentativa de aplicar o ponto de vista e as descobertas da psicanálise a alguns problemas não solucionados da psicologia social”.<sup>8</sup> Quais eram as descobertas da psicanálise no período de escrita do *Totem e Tabu*? Sem dúvida, trata-se da sexualidade infantil e, nela, a construção do núcleo edípico. Tendo estruturado seu aparato teórico, Freud adentrou na “especulação filosófica” sobre a origem da espécie do animal humano.

Através da analogia entre a constituição da neurose (ontogênese) e o processo civilizatório (filogênese), Freud apropria-se de diferentes teorias que dominavam o cenário filosófico de seu tempo. Com desenvoltura, cita autores da antropologia, da

<sup>4</sup> ASSOUN, 1978, p. 12.

<sup>5</sup> JONES, 1970, p. 61.

<sup>6</sup> GAY, 1989, p. 305.

<sup>7</sup> FREUD, 1989, p. 124.

<sup>8</sup> Idem, 1990, p. 17.

etnologia, da filologia, da física, da biologia e, principalmente, da literatura poética. Freud procurou, assim, introduzir o discurso psicanalítico no interior da polifonia dos discursos existentes que abordavam o tema da origem da espécie humana. Um deles é o discurso nietzschiano.

## A GÊNESE DA CIVILIZAÇÃO: O MITO PRIMORDIAL DO PAI MORTO

Freud escreve *Totem e Tabu* para responder à seguinte pergunta: Como descrever a gênese do processo civilizatório? O tabu do incesto e sua consequência prática, a exogamia, são apontados como os pilares de sustentação da civilização. A civilização alicerça-se em dois tabus concomitantes: não matar o pai e não manter relações de acasalamento com as mulheres pertencentes a ele. Valendo-se da filologia, afirmou que *tabu* é um termo polinésio que possui um campo de significação: sagrado, invulnerável, misterioso, perigoso, proibido. Generalizando, podemos inferir que o tabu é o que interdita, é a interdição cujo fundamento encontra-se na crença de que haverá uma punição para qualquer um que violar o interdito.

Assim, o tabu é uma proibição convencional imposta por tradição e tem um caráter de sagrado, que, se violado, acarreta em impureza: “As restrições do tabu são distintas das proibições religiosas ou morais. Não se baseiam em nenhuma ordem divina, mas pode-se dizer que se impõem por sua própria conta. (...) As proibições dos tabus não tem fundamento e são de origem desconhecida. Embora sejam ininteligíveis para nós, para aqueles que por elas são dominados, são aceitas como coisa natural”.<sup>9</sup> O tabu é o código de leis não escrito mais antigo do animal homem, e Freud propõe-se a analisar a hipótese de que é mais antigo que os próprios deuses e remonta a um período anterior à existência de qualquer espécie de religião.

O tabu é, portanto, aquilo que estabelece a interdição, que, por sua vez, fundamenta-se numa crença no estado de impureza para aquele que o violar. A culpa é o preço que deve ser pago por aquele que não respeitar o interdito. O importante a des-

taçar aqui é o caráter convencional do tabu. É por isso que Freud insiste em abandonar as teorias que explicam o horror ao incesto como algo natural. Citando Frazer no conjunto de suas argumentações, Freud considerou que “não é fácil perceber porque qualquer instinto humano profundo deva necessitar ser reforçado pela lei. (...) A lei apenas proíbe os homens de fazer aquilo a que seus instintos os inclinam; o que a própria natureza proíbe e pune, seria supérfluo para a lei proibir e punir”.<sup>10</sup>

A gênese do tabu é relacionada com o sistema totêmico. O totem é o representante do tabu. “O que é um totem? Via de regra é um animal e, mais raramente, um vegetal ou um fenômeno natural, que mantém relação peculiar com todo clã (...) é o antepassado comum do clã (...) é o seu espírito guardião e auxiliar, que lhe envia oráculos.”<sup>11</sup> A proteção que o totem promete ao clã exige obrigações sagradas, e qualquer violação representa impureza, infortúnios, sofrimentos, não só para o indivíduo particular mas para todo o clã. O totem é o que dá identidade ao clã, e seu fundamento está na proibição das relações sexuais entre as pessoas do mesmo totem. A exogamia é a manifestação do caráter totêmico desta lei (interditando as fêmeas a outros machos jovens na horda primordial), que estabelece a identidade do totem.

O campo da investigação fica assim definido: “Os problemas decisivos relacionam-se com a origem da idéia da descendência do totem e com as razões para a exogamia (ou melhor, para o tabu sobre o incesto, de que a exogamia é expressão) e a relação entre estas duas instituições, a organização totêmica e a proibição do incesto”.<sup>12</sup> Ao introduzir os elementos da teoria psicanalítica na abordagem do totemismo e dos tabus que o sustentam, Freud formulou a hipótese de que o totem é o representante do pai primordial. Os argumentos que a sustentam podem ser identificados em dois grupos: a origem da horda primitiva de Charles Darwin e a cerimônia da refeição totêmica na religião dos semitas de William Smith. Freud explicita quem são seus interlocuto-

<sup>9</sup> *Ibid.*, p. 38.

<sup>10</sup> *Ibid.*, p. 150.

<sup>11</sup> *Ibid.*, p. 21.

<sup>12</sup> *Ibid.*, p. 133.

res em sua trajetória: a biologia evolucionista de Darwin e a arqueologia de Smith.

O estado social dos primitivos é definido por Darwin em sua obra *A Descendência do Homem*, de 1871, nos seguintes termos: a primeira regra prática do macho ciumento é a exclusão de outros machos jovens da horda. A horda primordial é o modelo das relações endogâmicas, onde um macho forte e ciumento interdita suas fêmeas do contato com outro macho, expulsando-os de seu domínio territorial. A segunda hipótese que sustenta a argumentação de Freud é a refeição totêmica extraída da obra *A Religião dos Semitas*, de William Smith, publicada em 1889. Nela, reconhece que

A forma mais antiga de sacrifício, mais do que o uso do fogo ou do conhecimento da agricultura, foi o sacrifício de animais, cuja carne e sangue eram desfrutados em comum pelo deus e por seus adoradores. (...) Um sacrifício dessa espécie era uma cerimônia pública, um festival celebrado por todo o clã. (...) Em todos os lugares, o sacrifício envolvia um festim e um festim não podia ser celebrado sem um sacrifício. (...) A refeição sacrificatória, então, foi em princípio um festim de parentes, de acordo com a lei de que apenas parentes comem juntos.<sup>13</sup>

O animal totêmico é sacrificado num festim de parentes. Mas se uma das regras básicas do totemismo é a proibição de matar o animal totem, como ele se torna o alimento da refeição sacrificial? A resposta deve ser buscada na prática do sacrifício: a morte do animal totêmico é proibida na esfera do particular, e permitida só quando todo o clã partilha da responsabilidade do ato. O animal sacrificado era considerado membro do clã e sua morte só pode ser efetivada porque o clã assume o sacrifício como festa. Comer a carne do animal sacrificado é adquirir sua força, porque o totem é o símbolo do poder. Assim, os integrantes do clã, consumindo o totem, adquirem a força: reforçam sua identificação com ele e uns com os outros; os laços sociais estão solidificados no ato de comer juntos o animal totêmico.

<sup>13</sup> *Ibid.*, pp. 161-163.

Eis o momento para Freud apresentar o que considerou sua hipótese fantástica: cruzar a interpretação psicanalítica do totem (substituto do pai) com a refeição totêmica e a horda primitiva. “A refeição totêmica, que é talvez o mais antigo festival da humanidade, seria assim uma repetição e uma comemoração deste ato memorável e criminoso que foi o começo de tantas coisas: da organização social, das restrições morais e da religião”.<sup>14</sup>

O tema do parricídio com o qual Freud trabalha para interpretar a origem do sentimento de culpa deve ser remetido às fontes literárias constantes em suas pesquisas filogenéticas. Ernest Jones nos informa que Freud alinhou-se ao tema através das seguintes obras: *Édipo Rei*, de Sófocles, *Hamlet*, de William Shakespeare, e *Os Irmãos Karamazov*, de Dostoiévski.

As duas leis primordiais do totemismo – não matar o pai e não manter relações incestuosas com as mulheres pertencentes a ele – são apontadas como correspondentes aos dois desejos reprimidos no complexo de Édipo. Portanto, essas duas leis estabeleceram as bases para a organização social. Para Freud, ambas não estão psicologicamente no mesmo nível: “O primeiro deles, a lei que protege o animal totêmico, fundamenta-se inteiramente em motivos emocionais: o pai fora realmente eliminado e, em nenhum sentido real, o ato podia ser desfeito. Mas a segunda norma, a proibição do incesto, tem também uma poderosa base prática: os desejos sexuais não unem os homens, mas os dividem”.<sup>15</sup>

O mito do parricídio primordial permite sustentar a substituição da horda patriarcal pela horda fraterna; a união dos irmãos sustenta, assim, o laço social consanguíneo: “A sociedade estava agora baseada na cumplicidade do crime comum; a religião baseava-se no sentimento de culpa e no remorso a ele ligado, enquanto a moralidade fundamentava-se parte nas exigências dessa sociedade e parte na penitência exigida pelo sentimento de culpa”.<sup>16</sup>

A conclusão de *Totem e Tabu* apresenta o eixo temático da analogia entre o processo filogenético e ontogenético. Freud considera que a experiência clí-

<sup>14</sup> *Ibid.*, p. 170.

<sup>15</sup> *Ibid.*, p. 172.

<sup>16</sup> *Ibid.*, p. 175.

nica da psicanálise revela que, no neurótico, o pensamento constitui um substituto completo do ato, enquanto que, no homem primitivo, é o ato que constitui um substituto do pensamento. Ou seja, aquilo que foi ato para o primitivo é pensamento para o neurótico. Dessa forma, o neurótico representa a cena mítica primordial da gênese da civilização: a ontogênese recapitula e repete a filogênese. O sentimento de culpa dos neuróticos remete-se, assim, aos dois tabus que alicerçam a civilização: não matar o pai e não manter relações incestuosas com as mulheres que a ele pertencem.

### FREUD COM NIETZSCHE: SENTIMENTO DE CULPA E MÁ CONSCIÊNCIA

Na apresentação do *Seminário 7 – A ética da psicanálise*, Jacques Lacan captura o problema ao afirmar que a experiência psicanalítica conduz a um aprofundamento do universo da falta. Considerou que a “atração da falta” é a demanda do doente, “à qual nossa resposta confere uma significação exata – uma resposta da qual devemos conservar a mais severa disciplina para não deixar adulterar o sentido, em suma profundamente inconsciente, dessa demanda”.<sup>17</sup>

De que falta se trata? “Seguramente, não é a mesma que o doente comete com o fim de ser punido ou de se punir. Quando falamos de necessidade de punição, trata-se justamente de uma falta que designamos, que se encontra no caminho dessa necessidade, e que é procurada para obter essa punição. Por meio disso, somos transpostos, um pouco mais adiante, em direção a não sei que falta mais obscura que clama essa punição”. Freud chegou nesse “pouco mais adiante” ao qual referiu Lacan. O caso clínico “O homem dos lobos” é um exemplo lapidar desse “mais adiante”. Lacan interrogou os dois momentos da obra de Freud em que a falta é teorizada: “Será a falta que a obra freudiana designa em seu início, o assassinato do pai, esse mito colocado por Freud na origem do desenvolvimento da cultura? Ou será a falta mais obscura e ainda mais original cujo termo ele chega a colocar no final de sua obra, o instinto de morte, dado que o homem

está ancorado, no que tem de mais profundo em si mesmo, em sua temível dialética?”.<sup>18</sup>

Ao iniciar seu diagnóstico do mal-estar na civilização, Freud escreveu para Lou Andreas-Salomé, em julho de 1929, dizendo que havia terminado um trabalho onde “trata da civilização, do sentimento de culpa, da felicidade e de tópicos elevados semelhantes, e me parece, sem dúvida com razão, muito supérfluo, em contraste com trabalhos anteriores, que sempre brotaram de alguma necessidade interior. (...) Escrevendo este livro descobri de novo as verdades banais”.<sup>19</sup> E quais são as “verdades banais” que Freud descobriu novamente? A resposta podemos encontrar no que Ernest Jones chamou de foco central do livro: “Freud pretendeu representar o sentimento de culpa como o mais importante problema na evolução da cultura, e deu a entender que o preço do progresso no seio da civilização é pago pela privação da felicidade através da intensificação do sentimento de culpa”.<sup>20</sup> O capítulo VII da obra *O Mal-estar na Civilização* refere-se com precisão à elaboração teórica decorrente da introdução da pulsão de morte, em 1920, com a publicação do *Para Além do Princípio do Prazer*, e da formulação da segunda tópica, tal como estabelecida em *O Ego e o Id*, de 1923.

Freud define o sentimento de culpa como a tensão entre o severo superego e o ego a ele submetido. O sentimento de culpa expressa-se pela necessidade de punição, da qual os sintomas neuróticos são a manifestação: “A tensão entre o severo superego e o ego que a ele se acha sujeito é por nós chamada de sentimento de culpa; expressa-se como uma necessidade de punição”.<sup>21</sup> Os sintomas neuróticos revelam esta necessidade de punição. A gênese do sentimento de culpa é estabelecida por Freud em duas fontes: “Uma que surge do medo de uma autoridade, e outra, posterior, que surge do medo do superego. A primeira insiste numa renúncia às satisfações pulsionais; a segunda, ao mesmo tempo em que faz isso, exige punição, porque a per-

<sup>17</sup> LACAN, 1991, p. 10.

<sup>18</sup> *Ibid.*, p. 11.

<sup>19</sup> FREUD-SALOMÉ, 1975, p. 237.

<sup>20</sup> JONES, 1970, p. 706.

<sup>21</sup> FREUD, 1974, p. 146.

sistência dos desejos recalçados não pode ser escondida do superego”.<sup>22</sup>

Freud inicia o item B do capítulo VII da *Interpretação dos Sonhos* fazendo um resumo das principais proposições de sua investigação sobre os sonhos, e considera que cada uma delas abre caminhos para especulações e postulados psicológicos. O principal é responder sobre “o lugar dos sonhos na concatenação da vida anímica”. Para tanto, apresenta a topografia do aparelho psíquico com o objetivo de demarcar o funcionamento dos sistemas que o compõem. Afastando-se de uma localização anatômica para o aparelho psíquico, sugere visualizar o aparelho que “executa nossas funções anímicas como semelhante a um microscópio composto, um aparelho fotográfico ou algo desse tipo. (...) Essas analogias visam apenas a nos assistir em nossa tentativa de tornar inteligíveis as complicações do funcionamento psíquico, dissecando essa função e atribuindo suas operações singulares aos diversos componentes do aparelho”.<sup>23</sup>

Dotando esse aparelho de sistemas (ou instâncias), Freud sustenta que “nossas lembranças – sem excetuar as mais profundamente gravadas em nossa psique – são inconscientes em si mesmas. Podem tornar-se conscientes, mas não há dúvida de que produzem todos os seus efeitos quando em estado inconsciente”.<sup>24</sup> Considerando a mútua exclusividade dos traços mnêmicos com os signos de qualidade que caracterizam a consciência, Freud lança uma questão decisiva para a genealogia da moral: “O que descrevemos como nosso ‘caráter’ baseia-se nos traços mnêmicos de nossas impressões; e, além disso, as impressões que maior efeito causaram em nós – as de nossa primeira infância – são precisamente as que quase nunca se tornam conscientes”.<sup>25</sup>

Os sonhos são produtos dos traços mnêmicos que constituem o sistema inconsciente; são revivência das impressões que caracterizam a cena infantil. É aqui que se encontra o aspecto regressivo do funcionamento do aparelho psíquico. Em 1914, Freud acrescenta um parágrafo à quarta edição, caracte-

terizando três tipos de regressão: tópica, temporal e formal. E acrescenta que “no fundo, porém, todos esses três tipos de regressão constituem um só e, em geral, ocorrem juntos, pois o que é mais antigo no tempo é mais primitivo na forma (...)”.<sup>26</sup> Um novo parágrafo é acrescentado em 1919, e nele Nietzsche é invocado para sustentar o seguinte argumento: sonhar é regredir à condição mais primitiva do sonhador. “Podemos calcular quão apropriada é a asserção de Nietzsche de que, nos sonhos, ‘acha-se em ação alguma primitiva relíquia da humanidade que agora já mal podemos alcançar por via direta’; e podemos esperar que a análise dos sonhos nos conduza a um conhecimento da herança arcaica do homem, daquilo que lhe é psiquicamente inato”.<sup>27</sup> A investigação da filogênese, como vimos, é o campo onde o conhecimento da herança arcaica do homem se constitui. A analogia entre a filogênese e ontogênese encontra, assim, sua forma mais cabal nos sonhos.

Quanto ao que é psiquicamente inato, a nota de Freud no texto *O Ego e o Id*, de 1923, parece indicar uma nova conexão com Nietzsche. Ao compor a segunda tópica, Freud justifica a adoção do termo gramatical *Das Es*<sup>28</sup> para designar o desconhecido e inconsciente “sobre cuja superfície repousa o ego, desenvolvido a partir de seu núcleo, o sistema perceptivo”.<sup>29</sup> Atribui a Georg Groddeck<sup>30</sup> a

<sup>26</sup> *Ibid.*, p. 501.

<sup>27</sup> *Ibid.*, p. 502. Trata-se do aforismo 12 do *Humano, demasiado Humano – Um livro para espíritos livres*, publicado por Nietzsche em 1878. Para que o leitor possa comparar, reproduzimos a tradução brasileira de Paulo César Souza: “Mas no sonho todos nós parecemos com o selvagem; o mau reconhecimento e a equiparação errada são a causa das inferências ruins do que nos tornamos culpados no sonho; de modo que, ao recordar claramente um sonho, nos assustamos com nós mesmos por abrigarmos tanta tolice. A perfeita clareza de todas as representações oníricas, que tem como pressuposto a crença incondicional em sua realidade, lembra-nos uma vez mais os estados da humanidade primitiva, em que a alucinação era extraordinariamente freqüente e, às vezes, atingia comunidades e povos inteiros. Portanto: no sono e no sonho repetimos a tarefa da humanidade primitiva” (NIETZSCHE, 2000, p. 22).

<sup>28</sup> Sobre a tradução deste termo, a Edição Standard Brasileira adotou a escolha dos ingleses, que decidiram manter um equivalente em latim (*Id*) para o termo *Ego*. Daí a segunda tópica ter recebido a seguinte designação: *Id, Ego e Superego*. Os franceses, sobretudo depois de Jacques Lacan, escolheram manter a radicalidade semântica do alemão e traduziram por *ça*, designando a impessoalidade do pronome: aquilo que é estranho ao eu. Nas versões brasileira dos Seminários de Lacan adotou-se a seguinte tradução: *Isso, Eu e Supereu*.

<sup>29</sup> FREUD, 1976, p. 37.

<sup>30</sup> Ver *O Livro d'Isso*, publicado por Groddeck na Psychoanalytischer Verlag, em 1923, com o título *Das Buch vom Es*. O livro é uma composição de cartas assinadas por um certo Patrik Troll destinadas a uma amiga. O título inicial era *Cartas a uma Amiga sobre a Psicanálise*. O conteúdo das cartas remetem ao período de 1916-1919, em que Groddeck ministrou, semanalmente, conferências psicanalíticas integradas ao tratamento de seus pacientes no sanatório que dirigia. Datam do mesmo período o encontro com Freud, sua candidatura à Associação Psicanalítica de Berlim e o encontro com Sandor Ferenczi.

<sup>22</sup> *Ibid.*, p. 151.

<sup>23</sup> *Idem*, 1987, p. 491.T6

<sup>24</sup> *Ibid.*, p. 494.

<sup>25</sup> *Ibid.*

assertiva de que o ego é habitado por forças desconhecidas e incontrolláveis: “O próprio Groddeck, indubitavelmente, seguiu o exemplo de Nietzsche, que utiliza habitualmente este termo gramatical para tudo o que é impessoal em nossa natureza e, por assim dizer, sujeito à lei natural”.<sup>31</sup> O *Das Es* como sistema inconsciente marca a dimensão de impessoalidade que os sonhos representam para o sonhador. O ato de sonhar é alheio à vontade, está além do campo da intencionalidade.

## CONCLUSÃO

Para finalizar, vejamos o que escreveu Nietzsche no aforismo 16 da Segunda Dissertação da *Genealogia da Moral*: “Vejo a má consciência (sentimento de culpa) como a profunda doença que o homem teve de contrair sob a pressão da mais radical das mudanças que viveu: a mudança que sobreveio quando ele se viu definitivamente encerrado no âmbito da sociedade e da paz”; neste mundo social, “não mais possuem seus velhos guias, os impulsos reguladores e inconscientemente certos; estão reduzidos, os infelizes, a pensar, inferir, calcular, combinar causas e efeitos”.<sup>32</sup> Reduzidos à consciência –

o órgão mais frágil e mais falível –, os civilizados vivem um mal-estar provocado pela recusa das pulsões, que não cessam de fazer exigências.

Nietzsche afirmou, categoricamente, que todos os instintos que não se descarregam para fora voltam-se para dentro como sentimento de culpa. A isto chama de interiorização do homem, também nominado como alma. A parte racional da alma – resgatando a divisão aristotélica – é subproduto das pulsões libidinais que tiveram que ser reprimidas e que se voltam contra o próprio homem na forma de sintoma.

Retomando o prefácio da obra *Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade*, podemos afirmar que o complexo de Édipo permitiu a Freud estabelecer a analogia entre a ontogênese e a filogênese. Se a ontogênese pode ser considerada uma recapitulação da filogênese, há nesta recapitulação uma atualização daquilo que constitui a gênese do sentimento de culpa: o superego, herdeiro do complexo de Édipo.

Através do sentimento de culpa é possível estabelecer uma interlocução entre Freud e Nietzsche. Em ambos, o processo filogenético adquire sua devida importância na construção dos fenômenos psíquicos e, portanto, do processo de subjetivação.

<sup>31</sup> *Ibid.*, p. 37.

<sup>32</sup> NIETZSCHE, 1987, p. 89.

## Referências Bibliográficas

- ASSOUN, P.L. *Freud e Nietzsche: semelhanças e dessemelhanças*. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- \_\_\_\_\_. *Freud, a Filosofia e os Filósofos*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978.
- ENRIQUEZ, E. *Da Horda Primitiva ao Estado: psicanálise do vínculo social*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1990.
- FREUD, S. *Totem e Tabu*. Edição Standard Brasileira (ESB) das Obras Completas, v. XIII. 3ª. ed., Rio de Janeiro: Imago, 1990.
- \_\_\_\_\_. *Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade*. ESB, v. VII. 2ª. ed., Rio de Janeiro: Imago, 1989.
- \_\_\_\_\_. *A Interpretação dos Sonhos*. ESB, v. V. 2ª. ed., Rio de Janeiro: Imago, 1987.
- \_\_\_\_\_. *O Ego e o Id*. ESB, v. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- \_\_\_\_\_. *O Mal-estar na Civilização*. ESB, v. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1974.
- FREUD-SALOMÉ. *Correspondência Completa*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.
- GAY, P. *Freud, uma Vida para nosso Tempo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- GRODDECK, G. *O Livro disso*. 3ª. ed., São Paulo: Perspectiva, 1991.
- JONES, E. *Vida e Obra de Sigmund Freud*. v. I e II. Rio de Janeiro: Zahar, 1970.
- LACAN, J. *O Seminário – Livro VII. A ética da psicanálise*. 2ª. ed., Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1991.
- NIETZSCHE, F. *Humano, Demasiado Humano. Um livro para espíritos livres*. Trad. P.C. Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- \_\_\_\_\_. *Genealogia da Moral*. Trad. P.C. Souza. São Paulo: Brasiliense, 1987.